

O "dia dos pais" inclui pais trans: masculinidades dissidentes e práticas artísticas LGBTQIA+

The "father's day" includes transexuais fathers: dissident masculinities and LGBTQIA+ artistic practices

El "día de los padres" incluye padres transexuales: masculinidades disidentes y prácticas artísticas LGBTQIA+

João Paulo Baliscai¹
Maddox²

1 Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá com estudos na Universitat de Barcelona. Professor Adjunto no curso de Artes Visuais da UEM e coordenador do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens, ARTEI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6980650407208999>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8752-244X>. E-mail: jpbaliscai@uem.br

2 Cleberson Diego Gonçalves. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá - UEM e doutorando em Educação pela mesma instituição. Artista e Professor da Seed/PR e do curso de Artes Visuais da UEM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2166060157705479>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3347-1768>. E-mail: maddoxcircus@gmail.com

Resumo

Em 2020, próximo à data em que culturalmente se celebra o “dia dos pais” no Brasil, uma empresa nacional, popular na venda de cosméticos, convidou 14 homens para integrar uma campanha que valorizava pais presentes - dentre eles, Thammy Miranda (1982--), um homem transexual. A iniciativa gerou polêmica e divisão de opiniões, expondo, desse modo, ideias controversas não apenas sobre o “dia dos pais”, mas também sobre masculinidades não hegemônicas. A masculinidade hegemônica (CONNELL, 1990; 2016) se configura em uma concepção que descreve o “homem de verdade” como aquele que é imprescindivelmente atravessado pela cisgenereidade, pela heterossexualidade, pela branquitude, pela classe média-alta, pelos consumismos, pelo cristianismo e por demais marcadores identitários valorizados socialmente. Neste artigo, desempenhamos o objetivo de evidenciar as potencialidades das práticas artístico-acadêmicas LGBTTQIA+, na ampliação dos significados conferidos às masculinidades. Para tanto, primeiro debruçamo-nos especificamente sobre algumas das reações relacionadas à campanha em questão, e as aproximamos de conceitos específicos dos Estudos das Masculinidades e de Gênero a partir de uma abordagem construtivista. Após, a partir da metodologia da Pesquisa em Arte (REY, 1996) compartilhamos o processo criativo dos autores, professores-pesquisadores-artistas *gays*, em duas produções artísticas intituladas *2018 d.C* (2020) e *Super pai* (2020). O tratamento e a intenção artística dados a essas produções, consideramos, problematizam e denunciam aspectos violentos da paternidade desempenhada por masculinidades hegemônicas, e reclamam pela ampliação de pontos de vistas e referências a partir dos quais representam-se visualmente as masculinidades nos espaços escolares.

Palavras-Chave

Educação; Gênero; Imagem; Transexualidade; Processo criativo.

Abstract

In 2020, close to the date on which “father’s day” is celebrated culturally in Brazil, a national company, popular in the sale of cosmetics, invited 14 men to join a campaign that valued the fathers present, including, Thammy Miranda (1982--), a transsexual man. The initiative generated controversy and division of opinions, exposing controversial ideas not only about “father’s day”, but also about non-hegemonic masculinities. Hegemonic Masculinity (CONNELL, 1990; 2016) is configured in a conception that describes the “real man” as the one who is indispensable crossed by cisgeneity, heterosexuality, whiteness, the upper-middle class, consumerism, Christianity and for other socially valued identity markers. In this article, we intend to highlight the potential of LGBTTQIA + artistic-academic practices in expanding the meanings given to masculinities. To do this, we first look specifically at some of the reactions related to the campaign in question, and approach them to specific concepts of Masculinity and Gender Studies from a constructivist approach. Subsequently, based on the Research in Art methodology (REY, 1996), we shared the creative process of the authors, gay professors-researchers-artists, in two artistic productions titled *2018 d.C* (2020) and *Super pai* (2020). We consider the artistic treatment and intention given to these productions, they problematize and denounce violent aspects of fatherhood carried out by hegemonic masculinities, and they complain about the expansion of points of view and references from which masculinities are visually represented in school spaces.

Keywords

Education; Gender; Image; Transsexuality; Creative process.

ISSN: 2447-1267

Resumen

En 2020, cerca de la fecha en que se celebra culturalmente el “día de los padres” en Brasil, una empresa nacional, popular en la venta de cosméticos, invitó a 14 hombres a sumarse a una campaña que valoró a los padres presentes, entre ellos, Thammy Miranda (1982--), un hombre transexual. La iniciativa generó controversia y división de opiniones, dejando al descubierto ideas controvertidas no solo sobre el “día de los padres”, sino también sobre las masculinidades no hegemónicas. La Masculinidad Hegemónica (CONNELL, 1990; 2016) se configura en una concepción que describe al “hombre real” como aquel que es indispensable atravesado por la cisgenereidad, la heterosexualidad, la blancura, la clase media-alta, el consumismo, el cristianismo y para otros marcadores de identidad socialmente valorados. En este artículo, pretendemos resaltar el potencial de las prácticas artístico-académicas LGBTTOQIA +, en la ampliación de los significados dados a las masculinidades. Para ello, primero miramos específicamente algunas de las reacciones relacionadas con la campaña en cuestión, y las acercamos a conceptos específicos de Masculinidad y Estudios de Género desde un enfoque constructivista. Posteriormente, con base en la metodología de Investigación en Arte (REY, 1996) compartimos el proceso creativo de los autores, profesores-investigadores-artistas gay, en dos producciones artísticas tituladas *2018 d.C* (2020) y *Super pai* (2020). El tratamiento e intención artísticos que se le dio a estas producciones, lo consideramos, problematizan y denuncian aspectos violentos de la paternidad que realizan las masculinidades hegemónicas, y se quejan por la expansión de puntos de vista y referencias desde los que se representan visualmente las masculinidades en los espacios escolares.

Palavras-Chave

Educación; Género; Imagen; Transexualidade; Proceso creativo.

Introdução

Em agosto de 2020, próximo à data em que culturalmente se celebra o “dia dos pais”, a Natura - empresa brasileira popular na venda de cosméticos - convidou 14 homens para integrarem uma campanha que valorizava pais presentes. Dentre eles, Thammy Miranda (1982--), um homem transexual e pai de Bento, de 6 meses. A iniciativa gerou polêmica e divisão de opiniões, expondo, desse modo, ideias controversas não apenas a respeito do “dia dos pais”, mas também no que diz respeito às masculinidades, no geral. Algumas das opiniões emitidas, sugerem, por exemplo, que essa data não pode ser celebrada por qualquer homem, ainda que pai.

Nesse caso, em específico, as disputas por significados giravam em torno da transexualidade de Thammy - identidade de gênero caracterizante de homens e mulheres não cisgêneros, isto é, pessoas que não se identificam com o gênero atribuído em sua socialização, em seu nascimento, ou mesmo antes dele, como explica Jaqueline Gomes de Jesus (2012)¹. Para se referir à transexualidade masculina especificamente, Guilherme Silva de Almeida (2012) explica que é comum o uso de expressões tais como “homem trans”, “transexual masculino”, “transman” e “FTM”².

Os estudos da autora e do autor exemplificam que, entre os movimentos da academia, dos contextos teóricos e das militâncias de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queers, Intersexuais e Assexuais - LGBTTTQIA+³ e feministas, diferentes pessoas vêm investigando uma desnaturalização e desconstrução de tributos viscerais adicionados às identidades masculinas. Nesse sentido, no campo das abordagens de gêneros e sexualidades, as explorações buscam compreender e indicar atos reprodutivos, corporais e sexuais de homens enquanto construção social - e não como algo direcionado exclusivamente e condicionalmente à esfera biológica. São, portanto, os homens, também entendidos e contemplados como objetos de estudo e sujeitos inseridos em uma territorialidade de pesquisas de gênero.

Desde a segunda metade do século XX, a partir dos Estudos das Masculinidades (ou *Men's Studies*), as masculinidades têm sido problematizadas enquanto construções psicossociais. Os termos “antissexistas” e “profeministas”, a partir dos quais esse campo de investigação fora reconhecido de início, indicam, conforme assinala Olivia Tena Guerrero (2012), o caráter de apoio e vínculo que seus e suas adeptos/as conferiam aos movimentos feministas e LGBTTTQIA+ como um todo. Quando (se) pergunta “estudar a masculinidade, para quê?”, a autora revisa as possíveis aproximações que o tema e a abordagem conferidos pelos Estudos das Masculinidades têm em relação à ética e à política feminista, no que tange à luta pela igualdade de gênero. Argumenta que

1 Para dar visibilidade ao gênero dos/as autores/as, neste artigo, na primeira menção deles/as, recorreremos à escrita de seu nome completo.

2 Sigla, em inglês, que significa *female-to-male*, indicando mudanças do feminino para o masculino.

3 Neste texto, optamos por usar a sigla LGBTTTQIA+ por percebermos o campo onde estamos situados, um território onde todas as identidades necessitam estar contempladas. Sabemos que cada letra da sigla é decidida em conferência nacional e está conectada com lutas de movimentos sociais e que, por vezes, recorrem-se a outras siglas, com menos letras. Contudo, avaliamos, a academia não pode “esperar” somente pelas pessoas que decidem “quem entra” e “quem fica de fora”. Logo, nesse contexto sentimos a urgência de, naquilo que está ao nosso alcance, propiciar essa inclusão.

“[...] ao des-cobrir a mulher como sujeito social e objeto de estudo, se des-cobriu também o homem como tal e igualmente construído pela cultura” (GUERRERO, 2012, p. 227, *tradução nossa*). A abordagem construtivista dada por essa vertente teórica a diferencia, pois, de outras que, tais como o Movimento Mitopoético e o Movimento pelos Direitos dos Homens⁴ são integradas por homens que reivindicam a manutenção do patriarcado, de diferentes formas.

Academicamente, em nível mundial, os Estudos das Masculinidades foram fortalecidos, por exemplo, a partir das pesquisas da australiana Raewyn Connell⁵ (1990; 2016) e do estadunidense Michael Kimmel (1998). No Brasil, esse campo de investigação tem ganhado visibilidades, sobretudo, no início dos anos 2000.

Ocorre que, mesmo com anos de pesquisas acumuladas em relação a esse tema, vislumbramos, ainda em 2020, o fortalecimento da concepção de masculinidade centrada em uma figura masculina hegemônica, isto é, que enaltece os predicativos já prestigiados socialmente. Trata-se, portanto, de uma concepção a qual descreve o “homem de verdade” como aquele que é imprescindivelmente atravessado pela cisgenereidade, pela heterossexualidade, pela branquitude, pela classe média-alta, pelos consumismos, pelo cristianismo e por mais marcadores identitários hegemônicos. Para além desses significados que costumam ser requeridos aos homens e mulheres, há outros que, como sublinha Connell (1990; 2016), são esperados especificamente daquilo ao qual se refere como Masculinidade Hegemônica, tais como a força, a virilidade, a coragem, o comportamento violento, a suposta ausência do medo, a predisposição sexual (ativa) e o interesse pelo consumo de álcool, velocidade e esportes. Arriscamos dizer que, em uma sociedade patriarcal e machista, para o senso comum, homens que não possuem a maioria desses marcadores nem são “tão homens” assim. Essas fronteiras estabelecidas entre os corpos, as identidades e as subjetividades criam abismos e dispositivos de controle e biopolíticas, que atuam como um arsenal de aprisionamento e engessamento às liberdades do que pode ou não uma vida vivenciar.

Cunhado na década de 1980, o conceito de masculinidade hegemônica caracteriza, conforme Connell (1990), os sujeitos que correspondem aos predicativos esperados e cobrados dos homens desde as suas infâncias. Logo, indica, primeiro, a existência de masculinidades, no plural - já que alguns homens correspondem à masculinidade hegemônica, outros não - e segundo, que o “título” de masculinidade hegemônica confere *status* e prestígios aos homens não apenas em relação às mulheres, como também em relação aos outros homens. Em outra pesquisa, Connell (2016) explica que a masculinidade hegemônica reúne os sujeitos que mais se beneficiam daquilo a qual denomina como Dividendos Patriarcais, isto é, aqueles que colhem as vantagens que o patriarcado confere aos homens em níveis culturais, econômicos, trabalhistas, religiosos, afetivos, sexuais, políticos e artísticos, por exemplo.

4 Movimentos de origem estadunidense que, respectivamente, valoriza a adoção de arquétipos como estratégias de condução dos homens à uma masculinidade supostamente “verdadeira” e “essencial”, e que almeja recuperar direitos dos homens supostamente “perdidos” frente aos avanços feministas, como “desvantagens” em relação às mulheres em processos legais, como guarda de crianças, divórcios e pensões (GUERRERO, 2012).

5 Ainda que na autoria de alguns artigos e livros a identificação de Connell seja indicada pelo nome atribuído a ela em seu nascimento, em respeito à sua identidade de gênero, neste artigo utilizamos pronomes e substantivos femininos para nos referirmos à autora, uma mulher transgênero.

Neste artigo, recorreremos às lentes da Arte, da Educação e dos Estudos das Masculinidades e de Gênero, para desempenhar o objetivo de **evidenciar as potencialidades das práticas artístico-acadêmicas LGBTQIA+, na ampliação dos significados conferidos às masculinidades**. Em nossas vivências enquanto homens gays e professores-pesquisadores-artistas, temos verificado como a valorização da masculinidade hegemônica é sustentada pelas práticas escolares, artísticas e por acontecimentos que não só indicam as toxidades inerentes a essa expressão da masculinidade, como também remetem a uma concepção de gênero sensível às mudanças sociais de corpos dissidentes que saíram dos guetos marginais para ocupar seus lugares no contexto de vida pública.

No que tange ao desenvolvimento deste artigo, realizamos uma pesquisa bibliográfica e analítica, no primeiro tópico, quando reunimos estudos já produzidos acerca de temáticas afetas às masculinidades no campo da educação e sociologia para fundamentar as análises que conferimos a um acontecimento contemporâneo - a saber, os questionamentos lançados à masculinidade transexual de Thammy Miranda. Após isso, em um segundo momento, adotamos como delineamento metodológico a Pesquisa em Arte para compartilhar criações artísticas de nossa autoria. Conforme explica Sandra Rey (1996), a Pesquisa em Arte se baseia na apresentação de significados que o/a próprio/a artista confere a sua produção artística e, por isso, potencializa a compreensão artística em interface com conceitos advindos de outros campos. Neste caso, nossas produções intituladas *2018 d.C* (2020) e *Super pai* (2020) foram atravessadas não só pelas nossas reações ao acontecimento supracitado, como às alternativas e problematizações que nos foram possíveis de acessar a partir dos Estudos das Masculinidades.

Homem, trans e pai: minando a masculinidade hegemônica com diferenças

É relevante trazer, aqui, o contexto político e educacional em que a campanha do “dia dos pais” fora lançada e o modo como ativou, na sociedade como um todo, mas com ênfase em segmentos mais conservadores, uma espécie de “marcha” pela manutenção de uma figura paterna viril, máscula e heteronormativa próxima à concepção de masculinidade hegemônica. Essas ações descaracterizam a luta transexual e os espaços de circulação de corpos masculinos dissidentes, pois essas pessoas apresentam uma “ameaça” para o privilégio sexual e de gênero masculino normativo, pilar de uma sociedade patriarcal, machista, branca e colonizadora.

Em 2011, em uma entrevista para uma revista voltada ao “público masculino”, o atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro (1955--), eleito com uma campanha voltada aos “valores tradicionais da família brasileira” - pai, mãe e filhos - (no masculino mesmo), e com forte base neopentecostal, disse que “*seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo*”⁶. Mais recentemente, em

6 Para mais informações: Fonte: <<https://playboy.pt/atualidade/jair-bolsonaro-um-ano-loucura-no-planalto-do-brasil/>>. Acesso em 02 de ago. de 2020.

2017, endossou esse seu posicionamento, afirmando publicamente: “*eu tenho cinco filhos, quatro são homens. Aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio mulher*”⁷.

O teor desses pronunciamentos demonstra que, ainda que Bolsonaro não tenha se manifestado publicamente sobre a campanha do “dia dos pais” que contempla um homem trans, a LGBTfobia é uma das práticas que caracteriza não só o seu mandato presidencial, como toda a sua trajetória na política, e que seus seguidores e seguidoras são, de certa forma, incentivados/as a assumirem posturas semelhantes. Em uma pesquisa levantada pelo Jornal *A folha de S. Paulo* e realizada pela Organização de mídia Gênero e Número, financiada pela Fundação Ford, 92,5% de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros entrevistados/as relataram terem percebido um crescimento na violência contra este grupo. O estudo entrevistou 400 pessoas LGBTTQIA+ em São Paulo, Rio e Salvador, caracterizando, assim, um aumento de violência contra essa população desde a eleição de Jair Bolsonaro⁸. Pontuamos, ainda, que não é somente contra essa camada social que as violências insurgem, mas também contra mulheres, pessoas negras, indígenas e demais minorias que têm sido alvo de agressões de diferentes ordens, sendo vistas como corpos matáveis, simbolicamente ou não, como indica Ettore Stefani Medeiros (2019).

A exemplo desses ataques contra pessoas LGBTTQIA+, podemos mencionar casos envolvendo Carlos Bolsonaro (1982--), filho de Jair e vereador do Rio de Janeiro, que, em janeiro de 2020, postou, em uma de suas redes sociais, uma foto antiga de Thammy Miranda, antes da transição de gênero, quando, ainda, era identificado e reconhecido como mulher⁹.

A insistência do autor da postagem - um homem adulto, representante político e com Ensino Superior - em retomar os aspectos femininos da história de Thammy, remete-nos ao pensamento de Kimmel (1998, p. 111) de que, sob a lógica patriarcal, a “[...] masculinidade deve ser provada, e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada ainda mais uma vez”. Neste caso, não nos referimos apenas a masculinidade de Thammy, um homem transexual, mas também à masculinidade do próprio Carlos, um homem aparentemente cisgênero, pois ele busca “provar” sua masculinidade por meio da depreciação de outros sujeitos, tidos então, como inferiores ou “menos homens” que ele. Essas e outras manifestações de sujeitos masculinos demonstram, assim como propõe Connell (1990, p.90), que “[...] a masculinidade não cai dos céus; ela é construída por práticas masculinizantes” e, dentre elas, incluímos a subestimação de sujeitos que não correspondem à masculinidade hegemônica, como homens transexuais, homens gays, homens negros e homens femininos, por exemplo.

Na mesma linha, Silas Malafaia (1958--) - um pastor pentecostal que, inclusive, visitou o presidente no Palácio do Planalto em 2020 para fazer orações para o Poder Executivo - após saber da contratação de Thammy Miranda para a campanha, também

7 Para mais informações: Fonte: <<https://playboy.pt/atualidade/jair-bolsonaro-um-ano-loucura-no-planalto-do-brasil/>>. Acesso em 02 de ago. de 2020.

8 Para mais informações: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/pesquisa-comprova-aumento-de-violencia-com-lgbts-desde-a-eleicao/>>. Acesso em 07 de ago. de 2020.

9 Para mais informações: <<https://istoe.com.br/carlos-bolsonaro-posta-foto-de-thammy-e-gretchen-defende-filho-bossal/>>. Acesso em 04 de ago. de 2020.

se manifestou. Publicou em uma de suas redes sociais uma imagem contendo a seguinte mensagem, em letras garrafais: “VAMOS BOICOTAR A NATURA! COLOCA UMA MULHER PARA FAZER PAPEL DE HOMEM NO DIA DOS PAIS. UMA AFRONTA AOS VALORES CRISTÃOS. SOMOS A MAIORIA!”¹⁰. Em vídeo¹¹ postado em suas redes sociais, o pastor se refere à marca em questão como “lixo moral”, e expressa que:

[...] pai tem a ver com figura masculina, mãe ter a ver com figura feminina, os caras pegam uma mulher – não deixou de ser mulher- tem hormônio feminino, tem útero feminino, tem genitália feminina, é uma mulher [...], agora, vim botar na sociedade deturpando o que trouxe a civilização até aqui –o homem, a mulher e sua prole-, dia dos pais tem a ver com homem, a sociedade brasileira na sua maioria rejeita isso! [...].

Diante desse pronunciamento, advindo de um homem, adulto, com Ensino Superior e líder religioso, vislumbramos, por um lado, a confusão conceitual entre identidade de gênero e sexo biológico, e segundo, a violência e ódio disseminados contra pessoas LGBTQIA+ sob justificativas dogmáticas e que atendem a um ideal de família opressor e excludente.

Quando recorre a elementos tais como “hormônio feminino”, “útero feminino” e “genitália feminina” para “definir” o que é uma mulher, o pastor reduz a identidade de gênero aos aspectos biológicos do corpo e desconsidera o teor performático do gênero e que práticas culturais contribuem, socialmente, para que homens e mulheres e suas diferenças sejam produzidos. A reclamação feita por Malafaia reflete a transfobia denunciada por Almeida (2012, p.519) quando sublinha a existência de uma espécie de “[...] olhar falocêntrico que impregna as representações sobre a experiência masculina. Nesse sentido, é como se os comportamentos e os significados considerados masculinos emanassem necessariamente da presença material original do pênis”. Nesse caso, especificamente, predomina o olhar falocêntrico já que, diante de Thammy, tal olhar não é capaz de enxergar suas roupas, seu cabelo, sua barba, suas tatuagens, o formato e peso de seu corpo e a maneira como exerce sua paternidade. Também não é capaz de ouvir o timbre de sua voz, e tampouco de considerar seu desejo por ser identificado e referido no masculino. Nada disso é suficiente para lê-lo como homem. O olhar falocêntrico se importa - única e exclusivamente - com as genitálias para definir, inadequadamente, alguém como homem ou mulher.

Essa questão nos remete às pesquisas de Paul Preciado (2017) e de Carla Luã Eloi (2018). A partir do que denomina como prática contrassexual, Preciado (2017) nos convida, justamente, a repensar a centralidade que as genitálias têm não apenas nas estruturas gerais da sociedade patriarcal, como também no próprio prazer sexual. A contrassexualidade, segundo o autor, consiste em “[...] aprender a subverter os órgãos sexuais e suas reações biopolíticas” (PRECIADO, 2017, p.59). Contudo, ocorre que, assim como denuncia Eloi (2018, p.18-19), sob lógicas patriarcais, o pênis é um “[...]”

10 Para mais informações: <<https://www.facebook.com/SilasMalafaia/photos/a.249636771717230/3689141187766754>>. Acesso em 02 de ago. de 2020.

11 Para mais informações: <<https://www.facebook.com/SilasMalafaia/photos/a.249636771717230/3689141187766754>>. Acesso em 02 de ago. de 2020.

órgão genital que define todas as bases da sociedade. A biologia é utilizada como a justificativa para os interesses sociais, políticos e econômicos em hierarquizar as pessoas”. Ademais, segundo esse autor, o patriarcado está estritamente articulado com outros poderes, como a política, a religião e a economia – daí o interesse em líderes dessas instituições se manifestarem sobre de acontecimentos, corpos e genitálias de outrem.

Nesse ponto, consideramos ser prudente acrescentar que esse mesmo tratamento e desconfiança não costumam atingir pessoas que não foram “anunciadas” como trans; e que tampouco é comum conferir os pênis e vulvas dos sujeitos, primeiro, para só depois se referir a eles e a elas como “homens” e “mulheres”. Essa identificação é estritamente social, e costuma ser realizada a partir das leituras que fazemos acerca dos corpos, das roupas, das vozes, dos comportamentos e das maneiras como os sujeitos se apresentam. Quando essa identificação não é óbvia, seria adequado nos valermos da sugestão de Jesus (2012, p.23), que explica, se “[...] você não está certo(a) quanto ao gênero da pessoa, pode perguntar, respeitosamente, como ela prefere ser tratada, e tratá-la dessa forma”.

Os discursos proferidos tanto pelo Presidente da República quanto por seu filho e pelo pastor articulam e autorizam uma massiva ação de narrativas violentas e transfóbicas contra os corpos, as identidades e as existências trans, restringindo desse modo, o tipo de masculinidade permitida nos espaços e revelando como a figura paterna “esculpida” pela sociedade tem como referência modelos de valores cristãos e sexistas, os quais anulam outros modos de masculinidade, paternidade e de existência. Não são as características sexuais que determinam o que um corpo pode, mas sim, suas performances de gênero, como aponta Judith Butler (2010), remetendo-se às representações e trânsitos que os corpos percorrem dentro das fronteiras. Para a autora, uma identidade de gênero não existe por trás das expressões de gênero, a identidade é uma performativamente construída. Entende o gênero como algo recorrente em qualquer corpo, portanto, desvinculado da noção a qual supõe cada corpo corresponderia somente a um gênero. Butler (2010) ainda nos induz a repensar o corpo não mais como algo naturalizado, mas como uma “superfície politicamente regulada”. O gênero, nessa perspectiva, não precisa ser construído como uma identidade fixa e estável ou um *locus* de ação decorrente de vários atos; em vez disso, o gênero é percebido como uma identidade constituída tenuemente no tempo, instaurado num espaço externo por meio da repetição estilizada de ações. Produz-se um efeito de gênero pela estilização do corpo, logo, o mesmo pode ser compreendido como uma forma corriqueira a partir da qual movimentos, estilos e gestos corporais de vários modos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero (BUTLER, 2010).

Em outro estudo, Butler (2018, p.5) assinala que o “[...] corpo é uma materialidade que assume significado, e que assume significado de maneira fundamentalmente dramática”, isto é, que não se encerra na matéria em si, mas nos desdobramentos e modificações possibilitadas, por exemplo, pela performatividade. A autora destaca que, semelhantemente às atrizes e atores que performam personagens no palco recorrendo a roupas, acessórios e maquiagens e adotando modos específicos para se movimentar e falar, por exemplo, nós performamos nossos gêneros. Contudo, como consequência de uma cultura marcada pela LGBTfobia, diante do palco, acreditam-

se (e muitas vezes, divertem-se) com as performances de gênero dos/as envolvidos. Já na vida real, esses atos se tornam perigosos, inadmissíveis e passíveis de punição, sobretudo, quando performados por sujeitos trans. “Desse modo, ver uma travesti subir ao palco pode suscitar prazer e aplausos, enquanto que vê-la sentada ao nosso lado no ônibus pode despertar medo, raiva e até mesmo violência” (BUTLER, 2018, p.12). A isso acrescentamos: ver um homem trans subir ao palco de um programa televisivo e responder a perguntas curiosas a respeito de sua transgenerização e vida sexual pode suscitar prazer e aplausos, enquanto vê-lo desempenhando representatividade em uma campanha de “dia dos pais” pode despertar medo, raiva e até mesmo violência.

Como pode ser observado nos enunciados transcritos anteriormente, as pessoas trans desestabilizam a matriz heterossexual e cisgênera porque subvertem a coerência entre sexualidades, gêneros e sexos, e causam abalos sísmicos e desordem no CISTema de modo não inteligível para essa matriz normativa – até mesmo para pessoas homossexuais-. Esse abalo é perceptível, por exemplo, quando um homem trans se apresenta e é apresentado como pai, e porta uma família em sua base. João Walter Nery (1950-2018), o primeiro homem trans assumido no Brasil, declarou entender a transexualidade como uma das múltiplas formas de se expressar a sexualidade humana, a qual se manifesta “[...] através de identificações de modelos de gênero, socialmente disponíveis-, sem nenhum caráter universal, natural, biológico ou genético” (NERY, 2016, p. 173). No modelo disponível de performance de gênero, a ação “violenta” de ter um corpo trans na propaganda de uma marca para o “dia dos pais” resultou na disseminação e denúncia de uma sociedade que está adoecida pela transfobia e pelo machismo.

Um mundo se abre para esses corpos ao nascimento, e lhes é atribuída certa lógica em sua socialização, vinda de uma “família tradicional”, como pontua o pastor mencionado anteriormente. Contudo, tudo que foge dessa lógica “ameaça” os contratos sexuais postulados por uma tradição machista e LGBTfóbica secular que determina que tipo de comportamento, cores, imagens e até mesmo profissões cada gênero pode exercer. O que essa lógica retrógrada não considera é que, como menciona Nery (2016), as trans subjetividades atravessam as fronteiras binárias, rompem com a norma e negam o determinismo da anatomia dos corpos enquanto um critério único para suas existências.

Esse exemplo indica que não só as mulheres são atingidas e violentadas pelo machismo, mas também os homens cujas masculinidades são lidas como dissidentes. Concordamos com Eloi (2018, p. 23) que acrescenta que as práticas culturais alicerçadas no machismo “[...] reprimem o menino que é delicado e a menina que não é”. A isso relacionamos a posição defendida por Heleith Saffioti (2004, p. 24) quando descreve que,

[...] a presença ativa do machismo compromete negativamente o resultado das lutas pela democracia, pois se alcança, no máximo, uma democracia pela metade. Nesta democracia coxa, ainda que o saldo negativo seja maior para as mulheres, também os homens continuarão a ter sua personalidade amputada. E vale a pena atentar para este fenômeno.

As violências machistas presentes nas falas de um Presidente da República, de um vereador e de um pastor que parecem semelhantemente apoiar uma lógica

social calcada em valores LGBTfóbicos aprofundam a urgência de considerar o quão prejudiciais esses levantes são, pois extrapolam a ética da existência em comunidade com determinações de um tipo de poder que machuca, excluí e mata milhares de pessoas diariamente. O machismo perpetuado entre as paredes de instituições, por validações de que corpo “pode isso” ou “aquilo”, é um tipo de movimento genocida sobretudo, se considerarmos que, como apontou a ONG *Transgender Europe*¹² em 2016, o Brasil é o país que mais assassina pessoas trans no mundo. Esses dados alarmantes atravessam nosso contexto e se estendem para dentro dos muros das instituições educacionais, para as práticas cotidianas e, para nós, refletem o desejo de manutenção do poder hegemônico.

Como as práticas artísticas LGBTTOQIA+ poderiam contribuir não só para desestabilizar a masculinidade hegemônica e ampliar as referências de masculinidade, mas também para promover uma educação dissidente? No próximo tópico, a partir da metodologia da Pesquisa em Artes (REY, 1996), ensaiamos respostas à essa pergunta, descrevendo, nossos processos criativos em duas produções de nossa autoria: *2018 d.C* (2020) e *Super pai* (2020).

Estéticas e poéticas dissidentes

As linhas de pensamento que foram desenhadas no decorrer dessa escrita fizeram com que horizontes fossem deslocados para várias direções, mirando intensidades diferentes, olhares que movem e deslocam esse território da norma na qual habitamos, um lugar na margem, onde as diferenças se encontram e traçam novos mapas de sobrevivência. Em uma breve pausa para respirar e tentar compreender o episódio de transfobia e paternidade de Thammy, um sufocamento nos envolveu. “Sacudido[s] por forças” (DELEUZE, 2006, p.208) somos levados a pensar esse estado de encontros conflitantes, e a poética nos possibilita essa imersão nas estéticas que circulam o imaginário masculino e paternal. Elas compõem as alegorias de uma performatividade que determina os modos e as ações que os corpos devem exercer no seu círculo social.

O “dia dos pais” e toda trajetória dessas narrativas em nossa vivências invocam questões urgentes: nós, autores deste artigo, João Paulo Baliscai e Maddox, enquanto homens, gays, bichas, artistas, professores, capturados, semelhantemente como Thammy, pela rede e pelo crivo das discussões sobre quem pode ser homem, quem pode ser pai. Como essa temática evoca, em nós, questões artísticas, subjetivas e identitárias, pensamos por vias de ações poéticas e micropolíticas, transgredir esse espaço e ativar esse debate no território da arte e da educação, como uma espécie de audiência com nós mesmos, com aquilo que “[...] fala através de nós” (PELBART, 2016, p. 21). Logo, neste momento do texto, adotaremos a linguagem no singular para dialogarmos através de nós e de nossas produções artísticas em *2018 d.C* (2020) e *Super pai* (2020).

Na série intitulada *2018 d.C* (2020), tematizei a infância e as masculinidades dissidentes a partir de memórias e de vivências que não são minhas, mas que foram

12 Para mais informações <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>. Acesso em 02 de ago. de 2020.

compartilhadas e polemizadas em jornais, *blogs* e redes sociais. Nessa produção artística em questão, problematizei as relações estabelecidas entre pais e filhos a partir de três casos de violência infantil ocorridos em 2018. À época, em virtude de minha aproximação com os Estudos de Masculinidades e com a elaboração de uma pesquisa na qual investiguei a construção visual das masculinidades de 38 personagens da Disney (BALISCEI, 2018), percebi-me envolvido na prática de colecionar reportagens que expressavam as maneiras violentas a partir das quais os homens produziam os outros e a si mesmos.

A série *2018 d.C* (2020) contempla três produções, cada uma impulsionada por uma notícia de 2018. Para o recorte desse artigo, optei por selecionar uma, a qual problematiza a seguinte manchete: “Padrasto agride menino de 4 anos com chute no peito no interior de São Paulo. 05/10/2018”¹³. Essa cena ocorreu em outubro de 2018, em Sertãozinho, São Paulo. As imagens que acompanham o texto registraram o momento em que um menino de quatro anos desceu da garupa de uma moto onde estava com seu padrasto e foi agredido por ele. O homem adulto, de 23 anos, conferiu um chute no peito de seu enteado que até então permanecia olhando-o por detrás da viseira do capacete. Quando questionado pela polícia, o padrasto explicou a agressão pelo fato de ter perdido a paciência com o menino, pois ele fora expulso da creche por causa do comportamento agressivo que vinha apresentando. Na Fig.01 apresento minha resposta à essa manchete e os significados e associações que ela suscitou em mim.



Fig. 01, João Paulo Baliscei, *2018 d.C*, 2020. Bordado sobre páginas de livro e objeto

13 Manchete referente a um caso em que um padrasto, um homem de 23 anos, chutou seu enteado de quatro anos no peito, no meio da rua. O adulto explicou a agressão pelo fato de ter “perdido a paciência” com o menino, pois ele fora expulso da creche. A notícia pode ser localizada no link: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2018/10/05/padrasto-agride-menino-de-4-anos-com-chute-no-peito-no-meio-da-rua-em-sertaozinho-sp-veja-video.ghtml>>. Acesso em 03 de abr. de 2020.

Os bordados reproduzem a manchete em questão. Escolhi como suporte para cada uma das produções dessa série três páginas específicas da bíblia, nas quais grifei passagens que elogiam valores relacionados à disciplina e à obediência dos/as filhos/as, ainda que, para isso precisem ser submetidos/as a situações de violência. Na configuração da produção em destaque dei destaque à palavra “menino” - que, na manchete, caracterizava a vítima da violência. Organizei o bordado de modo que dessa palavra pendessem linhas que, por sua vez, foram unidas e amarradas a um monóculo, de modo a sustentá-lo. O monóculo, como testemunha, guarda (e revela) um registro da violência infantil a qual a manchete se refere. No detalhe em destaque na Figura 01, é possível ver, em tons de cinza, a imagem do padraço, em cima de uma moto, chutando seu enteado, que está em pé ao lado da moto.

Ainda sobre *2018 d.C* (2020), considero que a cena e a manchete em questão criam outros significados quando aproximadas dos versículos grifados nas páginas, como por exemplo, “Filho meu não desprezes a correção do Senhor. Não desanimes, quando repreendido por ele; pois o Senhor corrige a quem ama e castiga todo aquele que reconhece por seu filho”¹⁴. O título escolhido para a obra faz alusão justamente a essa distância temporal de 2018 anos que, pelo que indicam, não fora suficiente para que figuras paternas (e a sociedade como um todo) se preocupassem com a produção de masculinidades mais saudáveis.

Em nosso exercício de nos atentarmos aos enunciados que autorizam maneiras específicas de vivenciar as masculinidades, ouvimos, com certa reincidência, recomendações que nos parecem seguir a tríplice negação da qual a autora se refere. São comuns ao projeto de masculinização dos meninos as seguintes assertivas: homens não choram; não falam fino e nem desmedidamente; não sentem (ou ao menos não demonstram) dor, medo e saudade; não põem a mão na cintura, não mexem o quadril, nem consideram outro homem bonito e atraente. Segundo as diretrizes do projeto de masculinização dos meninos, ainda, homens não podem articular muito os ombros, as mãos e muito menos os punhos. Nem dançar os homens podem. [...] “Ser homem”, a partir dessas diretrizes, provoca, então, efeitos no desempenho de outras identidades que um homem pode assumir ao longo de sua vida, como “ser pai”. Como um homem pode não demonstrar afeto sendo pai? Quais implicações que esse projeto de masculinização tem para o exercício da paternidade? (BALISCEI e CUNHA, no *prelo*).

Em *2018 d.C* (2020), a escolha pela cor rosa - presente no suporte, nas linhas, nas letras, nas canetas a partir das quais os grifos foram feitos e na materialidade plástica no monóculo que guardar o registro fotográfico – não foi em vão e guarda relação com os múltiplos “não”s mencionados na citação acima. Os processos culturais, históricos, artísticos e publicitários que, paulatinamente, contribuíram para que a cor rosa fosse identificada como um marcador de feminilidade (e de masculinidades dissidentes). Nas sociedades contemporâneas ocidentais, mais do que qualquer outra cor, o rosa tem operado não como uma cor qualquer, neutra, mas como um artefato que identifica e ao mesmo tempo produz feminilidades, como expliquei com mais detalhes em outro

14 Hebreus, 12, 5-6.

estudo (BALISCEI, 2020). Nesse sentido, se para se mostrarem masculinos os meninos e homens precisam negar a feminilidade como anuncia Elisabeth Badinter (1998), negam, também, as cores que são atribuídas às mulheres e às meninas. Em 2018 d.C (2020), portanto, recorri ao rosa para evidenciar a falta que fazem aos homens e meninos contemplados sentimentos que, tais como a delicadeza, a sensibilidade e o afeto, são, socialmente, relacionados ao feminino.

As estéticas dissidentes utilizam de uma invocação e capacidade de agir e intervir nas pessoas, nos lugares e nas narrativas; problematizam conceitos produzidos e legitimados pelo sistema e pela própria história da Arte (MADDOX, 2018). Mesmo aceita pelo sistema de Arte – museus, galerias, curatorias -, as estéticas dissidentes mobilizam ações de intervenção que apresentam-se de formas abertas, em constante alteração, profanando a hegemonia e causando abalos sísmicos nos discursos normativos, demonstra *Super pai* (2020), foto objeto de Maddox. No trabalho do artista, uma caixa de presentes para o dia dos pais com logo de super herói e cores socialmente avaliadas como masculinas estimulam uma ideia máxima de uma imagem paternal vinculada aos padrões da normatividade. Ainda é observável a relação com a figura do herói, esse sempre branco, másculo e viril, como alguém que provê a segurança do lar, da família, dos costumes e da prole (Fig.02).



Fig. 02, Maddox, *Super pai*, 2020. Foto objeto.

Na tampa da caixa de presentes, uma mensagem gravada exalta essa figura “Você sempre será meu super herói favorito”, uma linha de crochê azul eleva a figura de um pai segurando seu filho, e nesse corpo de papel mensagens denunciam a relação tóxica do próprio artista com o seu pai, com situações de alcoolismo, drogas, abandono, violência. As bifurcações que esse “presente” de “dia dos pais” traduzem para o imaginário me leva para um lugar infelizmente comum, o de muitas crianças em situações vexatórias, que na escola, por exemplo, na data comemorativa, são obrigadas a zelar pela imagem fictícia do herói que lhes espanca em casa, que bebe e bate na mãe; um pai que instaura a masculinidade tóxica em seu filho e o manda “andar como homem”.

Considerações finais

Para pessoas como Thammy Miranda conquistarem seus espaços na sociedade e na vida comum, para que suas identidades sejam inteligíveis –embora performáticas-, torna-se necessária a conquista de seus direitos e territórios por meio de políticas públicas e revisão do modo como famílias, masculinidades e o próprio patriarcado é imaginado e ilustrado na sociedade. Figuras de pais elaboradas a partir de lógicas heteronormativas e cisgêneras que, por exemplo, são produzidas e divulgadas em espaços escolares, operam para a manutenção de uma supervalorização de características culturais e físicas associadas ao gênero masculino em detrimento de outras - como a transexualidade e a própria feminilidade que têm sido desassociadas do sujeito homem. Concordamos com Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) que as imagens trazidas para e apresentadas pela escola reiteram a norma cis a partir da qual toda pessoa transgênero passa a ser lida como, estranha, diferente e passível de correção.

No que diz respeito especificamente às imagens de masculinidade elaboradas no cerce de uma concepção artística eurocêntrica e “erudita”, destacamos que costumam reforçar, visualmente, a lógica machista de que homens são “superiores” e que devem proteger as “suas tradições” – as quais, sabemos, beneficiam masculinidades específicas. Exemplo disso é a série de retratos do príncipe espanhol Baltasar Carlos (1629-1646), feitos pelo pintor espanhol Diego Velázquez (1599-1660). Essas pinturas que datam de 1631 a 1646, sob a estética do Barroco espanhol mostram o príncipe, ainda criança, em posição de destaque, liderança, confiança e com isso forjam para quem as vê uma noção de masculinidade brava, heróica e viril. Sob as cores de Velázquez, o menino Baltasar se torna um sujeito másculo que monta cavalo, exhibe-se em armaduras, domina técnicas de caça e manuseia armas de fogo.

O simulacro por trás dessas representações artísticas não está muito distante daqueles apresentados nas imagens que ilustram páginas, murais, paredes e projeções exibidas nos espaços escolares. Semelhantemente, esse conjunto de artefatos visuais costuma caracterizar (e produzir) masculinidades a partir de matrizes brancas, heterossexuais e cis e, neste caso, a produção artística LGBTQIA+, por sua dissidência, podem provocar fissuras e questionamentos.

Referências

ALMEIDA, Guilherme. "Homens Trans": novos matizes na Aquarela das Masculinidades? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n.2, p. 513-523, 2012.

BALISCEI, João Paulo. **Vilões, heróis e coadjuvantes**: um estudo sobre Masculinidades, Ensino de Arte e Pedagogias Disney. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2018.

_____. Abordagem histórica e artística do uso das cores Azul e Rosa como pedagogias de gênero. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v.21, p. 223-244, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/46113/34718>>. Acesso em 08 de nov. de 2020.

BALISCEI, João Paulo; CUNHA, Susana Rangel Vieira da. "Faça como homem": Cultura Visual e o Projeto de Masculinização dos Meninos. **Revista Textura**, Canoas, *no prelo*.

BADINTER, Elisabeth. XY, la identidad masculina. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de leituras**, n.78, p.1-12, 2018. Disponível em <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf>. Acesso em 04 de ago. de 2020.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Robert W. **Como teorizar o Patriarcado?** Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v.16, n.2, jul./dez. p.85-93, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo1: Ed. 34, 2006.

ELOI, Carla Luã. **Não se nasce Malévola, torna-se**: A representação da mulher nos contos de fadas. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018.

GUERRERO, Olivia Tena. Estudiar la masculinidad, ¿ para qué? In: GRAF, Norma Blazquez; PALACIOS, Fátima Flores; EVERARDO, Maribel Ríos (org.). **Investigación Feminista: Epistemología, metodología y representaciones sociales**. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades: Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias : Facultad de Psicología, 2012, p. 271-292.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. [Online] Brasília: 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS->

E-TERMOS.pdf>. Acesso em 29 de mai. 2020.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n.9, 1998, p. 103-117. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>>. Acesso em 13 de mar. de 2017.

MADDOX, Cleberon Diego Gonçalves. **A/R/Tografias urgentes na Arte e Educação forjando territórios dissidentes**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2018.

MEDEIROS, Ettore Stefani. **Necropolítica tropical em tempos pró-Bolsonaro: desafios contemporâneos de combate aos crimes de ódio LGBTfóbicos**. RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. :287-300, abr./jun. 2019.

NERY, João Walter; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral. **A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista**. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Periódicus, Salvador, n. 4, v. 1, nov.2015-abr. 2016

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existência de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. **Revista Porto Alegre**, Porto Alegre, v.7, n.13 p.81-95, 1996. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713>>. Acesso em 08 de ago. de 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Submissão: **05/09/20**

Aceitação: **09/11/20**